

## MORTE E VIDA DO LUGAR: EXPERIÊNCIA POLÍTICA DA PAISAGEM<sup>1</sup>

*Death and life of place: political experience of landscape*

Eduardo Marandola Jr  
UNICAMP

**Resumo:** Partindo de uma compreensão ontológico-existencial de lugar, a qual estabelece a correspondência pessoas-lugar, lugar-pessoas, em seu sentido heideggeriano, o artigo dialoga com a filosofia de Giorgio Agamben que compreende a política como abertura e potência na vida nua. Este diálogo alimenta a reflexão sobre o sentido de vida e morte dos lugares e da experiência política da paisagem, tendo como referência o possível topocídio de Bento Rodrigues e as recriações de suas formas-de-vida.

**Palavras-chave:** topocídio; formas-de-vida; fenomenologia geográfica; fenomenologia existencial

**Abstract:** Paper starts from an ontological-existential understanding of place, which establishes the correspondence people-place, place-people, in Heideggerian sense, dialoguing with Agamben's philosophy, who understands politics as openness and power in naked life. This dialogue feeds the reflection on the meaning of life and death of the places and the political experience of the landscape, taking as reference the possible topocide of Bento Rodrigues and the recreations of his life-forms.

**Keywords:** topocide; life-forms; geographical phenomenology; existential phenomenology.

### Introdução

No dia 05 de Novembro de 2015, uma das barragens de rejeitos da empresa Samarco, uma *joint-venture* da multinacional Vale, estourou no município de Mariana, no estado de Minas Gerais. Milhões de litros cúbicos de lama contaminada desceram pelos vales dos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce, arrastando e arrasando o que

---

<sup>1</sup> Texto-base da palestra homônima ministrada durante o *Workshop Arquitetura e Filosofia: lugar, paisagem e pensamento*, realizado nos dias 29 e 30 de Setembro de 2017, na Universidade Federal do Piauí, em Teresina.

encontraram, até chegar ao Oceano Atlântico, na costa do Espírito Santo, 600 Km depois.

Este, que já é considerado o maior desastre ambiental ocorrido no Brasil e o maior (por sua extensão e impactos) do gênero no mundo, nos impressiona por diferentes motivos. Tanto no sentido da extensão dos danos de toda ordem, pela falha dos sistemas de proteção e alerta, quanto pela extinção de uma localidade bem próxima à barragem, Bento Rodrigues, que simplesmente deixou de existir. 80% das residências foram simplesmente apagadas do mapa, arrastadas pela lama, enquanto os outros 20% está agora comprometido pela nova barragem que será construída.

Acompanhamos o caminhar da lama pelos jornais e ainda hoje acompanhamos as repercussões deste grande evento, não apenas para a população de Mariana, mas para uma ampla área que sofreu (e ainda sofre) efeitos diretos ou indiretos. Mas a tragédia que assolou este distrito de Mariana, com algumas poucas centenas de casas, parece ser a que mais nos impacta e gera comoção. Acompanhei todo o curso do Rio Doce, cortando grandes cidades como Governador Valadares, em Minas Gerais, e Colatina, no Espírito Santo, e apenas alguns meses após a tragédia, as populações urbanas tratavam de minimizar os efeitos da onda de lama, dizendo que não havia grandes prejuízos ou impactos de largo espectro.

Mas isso não é o caso de Bento Rodrigues. Sua população está espalhada por Mariana e teve, em poucos minutos, toda sua história e geografia soterradas pela lama.

O que significa este soterramento? Por que nos comove tanto?

É comum nos referimos à comunidade em questão com expressões como “deixou de existir” e “apagada do mapa” as quais, no fundo, remetem à finitude do lugar: ele chegou ao seu fim. Este fim significa nada mais do que o fim de uma existência, o que poderíamos chamar de a própria morte do lugar.

Parece algo estranho de se pensar, pois ao admitirmos a morte do lugar, temos que, ao mesmo tempo, assumir sua vida. Mas que tipo de vida? Que tipo de morte? Seria uma visão organicista do lugar (que o concebe com nascimento, crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte<sup>2</sup>), como um ente vivo, biologicamente

---

<sup>2</sup> RAZENTE, Nestor. *Povoações abandonadas no Brasil*. Londrina: Eduel, 2016.

---

falando, seguindo o mesmo curso das coisas vivas? Se não, qual tipo de vida e, conseqüentemente, de morte?

Estas são questões que têm me interessado muito durante meus estudos sobre vulnerabilidade, riscos e perigos ambientais. Catástrofes e desastres ambientais trazem à nossa preocupação eventos e contextos que colocam em risco os lugares, o que significa dizer que sua continuidade ou sua permanência como são está ameaçada. Há o perigo de sua extinção, seja por seu apagamento ou destruição literal, ou ainda dos danos serem tão profundos ao ponto de colocarem em risco sua própria constituição – o seu si-mesmo e sua identidade.

Quando nos preocupamos com estes desastres de alta consequência, somos levados a pensar para além da lógica implícita de riscos, perigos, vulnerabilidade e resiliência, pelo menos em sua acepção pragmática consagrada pela gestão de risco<sup>3</sup>. O que está em jogo, neste caso, é a própria ontologia dos riscos, reclamando um exercício fenomenológico de compreensão para além de uma cadeia causal: qual o sentido da ameaça implícita em tais eventos para a compreensão da continuidade ou não dos lugares? Trata-se de questão de finitude (a extinção) ou apenas de mudanças em sua constituição?

Estou até aqui me referindo ao lugar, no entanto, tais questões se direcionam diretamente às pessoas. Mas em que medida nosso foco está nas pessoas (e sua sobrevivência) ou no lugar (e sua permanência) nem é sempre claro o suficiente. Isso acaba dependendo mais da tradição disciplinar do que propriamente do fenômeno: um psicólogo ou antropólogo terá o foco claro nas pessoas, enquanto um geógrafo ou urbanista poderá dar atenção maior ao lugar, por exemplo.

No entanto, que concepção de lugar fundamenta tal compreensão cindida? Uma compreensão fenomenológica, na chave de Heidegger, partirá da facticidade do ser-no-mundo, centrando-se nas formas de ser-e-estar do ser-aí (*Dasein*)<sup>4</sup>. Dito de outra maneira, pensando fenomenologicamente, a cisão entre pessoas e lugares é diluída (a exemplo de outras dicotomias): pessoas são seus lugares; lugares são suas pessoas ou,

---

<sup>3</sup> KATES, Robert W. *Risk assessment of environmental hazard*. New York: John Wiley & Sons, 1978.

<sup>4</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.

como o propõe Lévinas<sup>5</sup>, é na dimensão do existente, das existências concretas e circunstancializadas, que o lugar e o sujeito se desvelam, simultaneamente.

Neste sentido, a questão da sobrevivência também é uma questão dos próprios lugares, assim como a dimensão da permanência também o é das pessoas. E assim como os lugares vêm à luz, como eventualidade e abertura, eles também podem se eclipsar, recolher-se no encobrimento ou simplesmente, deixarem de existir.

Partindo desta ontologia fenomenológica do lugar (a partir daqui, expressando não apenas um sítio, mas esta simultaneidade pessoas-lugar), pensar em termos de vida e morte do lugar, a partir dos filósofos da finitude, parece menos fora de propósito. O foco não está em uma compreensão biológica de vida ou de morte; antes, voltando-se para a dimensão ontológica da existência, o destino dos lugares mostra-se entrelaçado com nosso próprio destino, tornando possível compreender esta dinâmica vida-e-morte ontologicamente.

No entanto, há muitas formas como esta dinâmica do vir-à-luz e o eclipsar podem se manifestar, como vida e como morte. Nestor Razente<sup>6</sup>, em livro recém-publicado, faz um amplo estudo e reflete sobre diferentes processos que levam ao abandono, despovoamento, declínio, decadência, urbcídio, entre outros termos. Tais conceitos buscam expressar o papel de condicionantes econômicas, sociais, culturais, tecnológicas ou físico ambientais que levam por fim à diminuição da ocupação (densidade demográfica) e conseqüentemente ao abandono e à ruína do lugar.

Este é um tema muito presente no urbanismo. O clássico livro de Jane Jacobs, *Morte e vida de grandes cidades*, centrado na decadência e nos processos de renovação urbana vivido nos Estados Unidos dos anos 1960, é o grande exemplo<sup>7</sup>. Jacobs estava preocupada com a forma como a decadência (o sentido de morte do título) dos grandes centros urbanos americanos estava sendo enfrentada, de cima-para-baixo, sem considerar a vida, ou seja, a pujança do cotidiano da cidade, que lhe dava vivacidade.

---

<sup>5</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simon e Ligia Maria de Castro Simon. Campinas: Papirus, 1998.

<sup>6</sup> Op. cit.

<sup>7</sup> JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Para ela, a morte era um planejamento que condenava a possibilidade destas sociabilidades constituídas na cidade, ou seja, uma ameaça à urbanidade em si.

No caso de Razente, sua preocupação central é “como certas povoações chegam a tal ponto de deterioração?”<sup>8</sup> Sua investigação busca, sobretudo, compreender as razões históricas do abandono de tais povoações humanas. No entanto, para compreendermos o sentido propriamente existencial deste abandono, proponho inverter o questionamento, centrando-o não no fim, mas na permanência ou persistência: como é possível que povoações (lugares, cidades, vilas) permaneçam por tanto tempo? Há lugares que o são desde o neolítico<sup>9</sup>: por que os lugares, depois de constituídos, devem ser preservados? Por que nos afeta tanto quando um lugar é abandonado, ou deixa de existir?

O caso de Bento Rodrigues, relacionado a eventos de alta consequência nos brinda com a possibilidade de pensar uma destas formas: o topocídio, ou a aniquilação do lugar<sup>10</sup>. Mas, se as pessoas são o lugar e o lugar são as pessoas, o desaparecimento de Bento Rodrigues, como sítio, mas com a manutenção de sua população, configuraria uma morte?

Para desdobrar esta pergunta, é necessário pensar não apenas o sentido existencial e existenciário do lugar, mas também sua condição política, como abertura. Farei isso partindo de uma concepção heideggeriana de lugar, estabelecendo um diálogo com o pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben, especialmente em sua compreensão de política ligada à forma-de-vida, à vida nua e a seu caráter de abertura e de redefinição do sentido da relação do próprio e do impróprio. Agamben<sup>11</sup> defende a política como meio sem fim, como a exibição da medialidade e da exterioridade capaz não da união, mas do comum, daquilo não que nos define, mas com quem andamos e como constituímos nossas potências.

---

<sup>8</sup> Op. cit., p.16.

<sup>9</sup> DUBOS, René. *Um deus interior: uma filosofia prática para a mais completa realização das potencialidades humanas*. Trad. Pinheiro de Lemos. São Paulo: Melhoramentos, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

<sup>10</sup> PORTEUS, J. Douglas. Topocide: the annihilation of place. In: EYLES, J.; SMITH, D. (Eds.) *Quantitative methods in Geography*. London: Polity Press, 1988.

<sup>11</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim: notas sobre a política*. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Isso nos levará à experiência política da paisagem e a uma outra possibilidade de compreensão dos próprios lugares, abertos não apenas à sua constituição, mas também à sua finitude.

### **O ser-lugar e a paisagem que somos: vida como existência política no aberto**

Falar da morte, ou da finitude, não é o tema preferido de muitos. O fim parece trazer em si uma melancolia e a modernidade, como mostra Vattimo<sup>12</sup>, soube exemplarmente cultivar o desejo pelo novo, a vontade de um progresso infinito que despreza aquilo que é mortal, que termina, que tem fim.

O próprio Heidegger<sup>13</sup>, em sua reflexão sobre o ser-para-a-morte em *Ser e tempo* reconhece que a evasão da morte, seja por indiferença ou por teme-la (fonte da angústia quanto à morte), configurava uma atitude inautêntica, presente no pensamento metafísico. Para ele, enfrentar a morte e reconhece-la, ao invés de evadir-se dela, era necessário para uma vida autêntica<sup>14</sup>.

O esforço pela permanência e a manutenção de sistemas, lugares e paisagens, também está de certa forma ligado a este apego a uma ideia de progresso sem fim e a esta atitude inautêntica, mas tem mais. Ele resguarda em si uma correspondência que nos liga aos lugares, que estabelece uma continuidade entre nós e os lugares.

Lugar e paisagem não são objetos nem são exteriores a nós: pensar neles de forma dissociada de seu sentido é como pensar a forma pela forma. Se há uma grande mudança introduzida pela fenomenologia na compreensão de tais conceitos está no fato de reconectar estas esferas separadas: pessoas-espço.

No caso do lugar, isso foi feito de forma intensa por Heidegger<sup>15</sup>, quando inverte o sentido de espacialidade como extensão, o qual permitiria a existência dos lugares como *a priori*, para a compreensão do lugar como ponta de lança, ou seja, que a tudo

---

<sup>12</sup> VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Trad. Eduardo Brandão. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>13</sup> Op. cit.

<sup>14</sup> HOY, David C. Morte. In: DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Orgs.) *Fenomenologia e existencialismo*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012.

<sup>15</sup> HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de floresta*. Trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Silva, Vítor Moura, João Constâncio. 2ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

atravessa e que reúne<sup>16</sup>. Para Heidegger<sup>17</sup>, são os lugares que criam os espaços, e não o contrário.

Esta perspectiva repercutiu fundo entre geógrafos que resgataram a ideia de lugar no movimento de constituição de uma geografia fenomenológica, especialmente aqueles que, buscaram dotar o lugar de um sentido ontológico primevo. Edward Relph<sup>18</sup> o faz, por influência do próprio Heidegger, assim como também Éric Dardel<sup>19</sup>, na esteira de Levinas.

O mesmo podemos reconhecer na chamada filosofia do espaço, marcadamente nos trabalhos de Edward Casey<sup>20</sup> e Jeff Malpas<sup>21</sup>, dois dos filósofos contemporâneos que têm desdobrado, desde os anos 1990, estes temas na filosofia, especialmente em diálogo com a tradição fenomenológica.

Nesta compreensão, ganha força a expressão ser-lugar, ou lugar-ser<sup>22</sup>, cuja presença do hífen indica a indissociabilidade inerente à própria abertura como existência mas também como possibilidade de compreensão da verdade, o desvelamento.

Este sentido do aberto, tão caro à filosofia heideggeriana, ganha um sentido político vital na filosofia de Giorgio Agamben<sup>23</sup>, devido sobretudo à sua compreensão do conceito de **forma-de-vida**, que é um esforço de pensar a vida de maneira não

---

<sup>16</sup> SARAMAGO, Ligia. Como ponta de lança. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.193-226.

<sup>17</sup> HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Chuback. Petrópolis: Vozes, 2001. p.125-142.

<sup>18</sup> RELPH, Edward. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, David and MUGERAUER, Robert (Eds.) *Dwelling, place & environment: towards a phenomenology of person and world*. New York: Columbia University Press, 1985. p.15-31. RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) *Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

<sup>19</sup> DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

<sup>20</sup> CASEY, Edward S. *Getting back into place: toward a renewed understanding of the place-world studies in continental thought*. Indiana: Indiana University Press, 1993. CASEY, Edward S. *The Fate of Place: a Philosophical History*. Berkeley: University of California Press, 1998.

<sup>21</sup> MALPAS, Jeff. *Place and Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. MALPAS, Jeff. *Heidegger's topology: being, place, world*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

<sup>22</sup> CASEY, Edward. Be Between Geography and Philosophy: What Does It Mean to Be in the Place-World? *Annals of the Association of American Geographers*, v.91, n.4, p.683-693, 2001.

<sup>23</sup> Idem.

dissociada do **modo** de se viver. Uma vida sem forma, ou desprovida de forma, Agamben chama de vida nua. Já a forma-de-vida fortalece o sentido propriamente político como ser em potência, como abertura e como possibilidades. Na vida nua, na vida sem forma, há a expropriação das possibilidades e, assim, a impossibilidade de tornar o impróprio seu próprio: sentido político fundante da própria vida.

Segundo Agamben, é justamente na transformação das formas-de-vida em vida nua que reside nossa política ocidental: “na separação dos contextos da vida nua de suas formas-de-vida.”<sup>24</sup> A forma de andar na contramão, para o autor, seria fortalecer o sentido experiencial da vida como pensamento. Mas “A experiência do pensamento, que está aqui em questão, é sempre experiência de uma potência comum. Comunidade e potência identificam-se sem resíduos, porque o ser inerente de um princípio comunitário em toda potência é função do caráter necessariamente potencial de toda comunidade.”<sup>25</sup>

O pensamento como experiência, portanto, se dá na abertura proporcionada pela vida política, resgatada em sua condição de potência fundada na indissocialidade da vida nua com sua forma-de-vida. Esta é múltipla, não una. São múltiplas formas-de-vida possíveis, experimentadas e em possibilidade ainda que virão.

O lugar, como fundamento da existência é, nesta perspectiva, constituinte da própria forma-de-vida. Podemos considerar que as formas-de-vida se constituem **como** lugar, e não **no** lugar, fortalecendo assim seu sentido intensivo de emergência e não de localização *a posteriori*. Lugar, como forma-de-vida, expressa e constitui a existência, simultaneamente, à maneira dialética do corpo-mundo tal como pensados na ontologia do sensível de Merleau-Ponty<sup>26</sup>.

A paisagem, neste sentido, é igualmente componente das formas-de-vida, mas não como cenário ou contexto pré-existente. A paisagem também possui um sentido ontológico, que remete ao ser e que nos permite pensar que a paisagem não é apenas

---

<sup>24</sup> Op. cit., p.19.

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Trad. José A. Gianotti e Armando M. d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

o completo exterior, mas é também a interioridade<sup>27</sup>. Mais do que isso, como forma-de-vida, ela também está corporificada nas pessoas da paisagem, ou seja, os **paisanos** (para usar a expressão de Serres<sup>28</sup>).

Nesta compreensão fenomenológica da paisagem, ela é existencial e histórica, como forma-de-vida, mas é também e sobretudo política, como abertura na qual o homem se coloca para apropriar-se de seu sentido. Agamben retoma o conceito levinasiano de rosto<sup>29</sup> para reforçar o sentido da exposição na abertura e a necessidade desta exterioridade: “A exposição é o lugar da política”<sup>30</sup>.

Rosto, para Lévinas<sup>31</sup>, não se dá à apreensão, ele se recusa a ser conteúdo. Toda tentativa de especificá-lo resulta em sua perda, pois o rosto é a própria expressão da alteridade tal como se presentifica na relação. É face ao rosto que razão e sensibilidade se enfrentam, não pela identificação ou pelo mesmo, mas pela diferença que expressa o acontecimento do Outro. Assim, refere-se à ipseidade enquanto relação de alteridade.

Para Agamben<sup>32</sup>, esta perspectiva do rosto remete ao ato último de Heidegger, o *Ereignis*, ou acontecimento apropriativo<sup>33</sup>, implicado, para o filósofo italiano, um sentido político necessário à apropriação da história como historicidade e como história do ser, que se realiza precisamente na tensão entre tornar próprio e da impróprio. Para esta realização, é necessário compreender que “*Política é a exibição de uma medialidade, o tornar visível um meio como tal*”<sup>34</sup>, ou seja: a política não tem um fim, mas é sempre meio, e para tal, ela necessita da exibição e do tornar visível, potencializados pela experiência do rosto como linguagem e alteridade.

---

<sup>27</sup> COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. Ida Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. BERQUE, Augustin. *Poétique de la terre: histoire naturele et histoire humaine, essai de mésologie*. Paris: Belin, 2014.

<sup>28</sup> SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

<sup>29</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et infini: essai sur l'extériorité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.

<sup>30</sup> Agamben, Op. cit., p.88.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Op. cit., p.103.

<sup>33</sup> HEIDEGGER, Martin. *O acontecimento apropriativo*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

<sup>34</sup> Agamben, Op. cit., p.107.

A paisagem, neste sentido, pode ser compreendida como componente desta medialidade, na necessidade de um rosto e do acontecimento apropriativo. Assim, além de constituinte dos paisanos, a paisagem poderia ser compreendida como o **rosto do lugar**. Não sua parte visível (é fundamental realizar esta dissociação de visibilidade com o olhar), nem um conjunto de componentes característicos, como uma enumeração que lhe condena à fragmentação, mas como o “único lugar da comunidade, o único lugar possível”<sup>35</sup>, que permite o reconhecimento e a abertura do individual para o político.

Se estabeleci a relação ser-lugar e lugar-ser como fundantes, assumo agora que somos-paisagem, o que implica admitir também que a paisagem somos nós, como outra dimensão geográfica do sentido político dos lugares.

### **Morte e vida: finitude e vida nua**

A pergunta que pretendo enfrentar, a título de reflexão a partir do exposto, é: Bento Rodrigues, como lugar e paisagem, morreu?

Para meditar sobre esta questão, voltemos a Bento Rodrigues. Os moradores, depois do susto inicial (a fuga da lama e a busca pela sobrevivência), passaram a se organizar para se posicionarem junto à Samarco e à gestão pública. O trauma de perder todas as memórias e lugares foi motivador para lutar pelo direito de ter suas vidas reconstruídas.

Situações que envolvem o impedimento do habitar em dado lugar devido à sua destruição são conhecidos como topocídio<sup>36</sup>, ou seja, o assassinato ou o aniquilamento do lugar. Conceito utilizado sobretudo em situações de crimes ambientais e intervenções radicais urbanas, envolve “degradação e aniquilamento de paisagens, lugares, construções e monumentos valorizados”<sup>37</sup>. O desastre de Chernobyl, na Ucrânia, pode ser considerado um topocídio, menos pela destruição física das

---

<sup>35</sup> Agamben, Op. cit., p.87.

<sup>36</sup> Porteus, op. cit.

<sup>37</sup> AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia e topocídio em MG. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2ªed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.146.

---

construções e mais pela evacuação dos moradores de Prypiat que, até hoje, continua desabitada.

O fenômeno do topocídio está relacionado à família de conceitos que buscam descrever a situação de abandono de povoações humanas, utilizando o esforço de Razente<sup>38</sup>, mas com uma ênfase, neste caso, ao aniquilamento do lugar. Qual o sentido deste aniquilamento?

Utilizando os dois exemplos, Bento Rodrigues sofreu a destruição física, enquanto Prypiat não. O que coloca as duas povoações na mesma condição? Tanto Bento Rodrigues quanto Prypiat, enquanto lugares, deixaram de sê-lo, pois a abertura para as formas-de-vida se eclipsou.

No caso de Bento Rodrigues, a população foi espalhada por hotéis e pousadas (pagas pela Samarco) e casas de amigos e parentes (a maioria, no próprio município de Mariana), o que também aconteceu com Prypiat. No entanto, diferente do longínquo caso ucraniano, em Mariana a população tem se articulado fortemente em busca não apenas de indenização ou compensação material pelos danos de propriedade ou, eventualmente, morais e emocionais. Faz parte das medidas compensatórias firmadas com órgãos municipais, estaduais e federais a compra, pela Samarco, de uma nova área onde será reconstruído Bento Rodrigues, ou Novo Bento Rodrigues, como tem sido chamado.

A reconstrução é necessária não apenas pela extensão do desastre (o quase aniquilamento total da antiga povoação), mas sobretudo porque a área precisará de muitos anos para ser recuperada do ponto de vista ambiental, devido à extensão da contaminação. Assim, o retorno se tornou inviável, o que ratifica a impossibilidade da continuidade de Bento Rodrigues, ou, do Antigo Bento, como agora tem sido chamado.

Mas, como é possível reconstruir um lugar? Trata-se de reconstrução ou da construção de um novo, reconhecendo-se que ao denominar de Antigo e Novo Bento, já se está reconhecendo a morte do primeiro?

---

<sup>38</sup> Idem.

Os estudos sobre topocídio referem-se igualmente à topo-reabilitação<sup>39</sup>, ou seja, a retomada de um lugar aniquilado. No entanto, no caso em questão, estamos diante de outro fenômeno: as mesmas pessoas buscam outro sítio para reconstruir seu habitar.

Para refletir sobre o significado existencial deste movimento, é fundamental compreender como será tal reconstrução. Em primeiro lugar, a área escolhida não é distante da antiga localização, e possui a aprovação e participação dos moradores nas decisões que estão sendo tomadas, que negociam o que querem que permaneça do antigo vilarejo. O acordo prevê também uma série de projetos sociais, de recuperação da bacia e a reconstrução de outras localidades, como Paracatu de Baixo, também em Mariana e Gesteira, em Barra Longa.

Segundo a emblemática revista criada pelos moradores, **Sirene**<sup>40</sup>, Novo Bento deve ser igualzinho ao Antigo Bento. Há uma preocupação em reconstruir fisicamente o povoado, com seus significados, experiências e sentidos. Eles exigem proximidade com o lugar anterior, a mesma paisagem, os vizinhos (mesmo que chatos), o arruamento e o calçamento, além de uma série de outros elementos que são de natureza simbólica ou sentimental específica, como as serenatas, o pé de esponjeira, o cascalho, o balde de palha, o lambari frito, a vida livre, o nosso modo de vida. Mais do que elementos afetivos, são demandas políticas que defendem uma forma-de-vida, ou seja, uma forma de ser.

Em vista disso, não sei se o que vai se configurar em Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo será uma topo-reabilitação. Tendo a pensar que com a mudança de sítio, Novo Bento será, de fato, outro lugar. Este terá as memórias e a ligação afetiva e efetiva com Bento Rodrigues, mas não será aquele lugar. Não só porque efetivamente estarão em outro sítio, mas também porque as circunstâncias tornaram aquele lugar outro: a mobilização política, a luta por direitos e a dor e sofrimento mudaram os seres-em-situação, tornando-os mais fortes na defesa de si mesmos.

Podemos dizer que Novo Bento emerge de Antigo Bento. Esta emersão marca uma nova circunstancialidade, embora intrinsecamente vinculada à anterior.

---

<sup>39</sup> Amorim Filho, Op. cit.

<sup>40</sup> <http://issuu.com/umminutodesirene/docs/asirene>.

Assim, embora um caso claro de topocídio, a resposta a ele não é a topo-reabilitação. Não há mais lugar a ser reabilitado. O elo indissociável ser-lugar foi rompido, necessitando portanto de uma refundação, de uma Terra para que Bento Rodrigues possa fundar seu mundo e, assim, refundar o lugar. Os moradores do vilarejo têm demonstrado um forte sentido de auto-reflexividade na construção da auto-identidade, defendendo de forma clara a necessidade de sua restituição.

No caso de Bento Rodrigues, talvez o lugar não tenha morrido, pois sua essência está muito mais associada à paisagem e à atividade da própria mineração, do ponto de vista arqueológico, do que se pode supor. Além do mais, ele resistiu pelo rosto, pela união dos moradores que politicamente atuaram na refundação do lugar, resistindo à exposição à vida nua e buscando sua forma-de-vida em sua multiplicidade.

Isso implica dizer, no entanto, que o aniquilamento do Antigo Bento não significou nada? A vida não o é sem traumas. Compreendendo o lugar como ser, em sua indissociabilidade, e a paisagem que somos sendo paisagem, o topocídio pode implicar na própria experiência da morte. Que tipo de morte?

Os filósofos da finitude, como Heidegger<sup>41</sup>, Ricouer<sup>42</sup> ou Lévinas<sup>43</sup>, concordam que a morte aparece para nós como morte do outro. Não é possível ter a experiência da morte, ela mesma, já que mesmo o moribundo, este, ainda não vive a iminência da morte, não a morte propriamente.

No caso de Lévinas, isso funda o próprio sentido de alteridade e de ética: a busca pela ligação com outro ser humano como reação à iminência da extinção. A iminência da morte é, para Lévinas, aterradora porque não pode ser prevista, carecendo de qualquer referência empírica. Se faz sempre presente ao mesmo tempo que dela só temos ameaça a partir do vazio sentido pela morte de outrem.

Diferente de Heidegger<sup>44</sup>, para quem a morte nos faz buscar um sentido para a vida, para Lévinas o medo da morte gera sofrimento. Segundo Cesar<sup>45</sup>, o sofrimento

---

<sup>41</sup> Idem. *Ser e tempo*.

<sup>42</sup> RICOEUR, Paul. *Vivo até a morte: seguido de fragmentos*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

<sup>43</sup> Op. cit.

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> CESAR, Constança M. Vulnerabilidade e finitude. *Hermes*, n.16, p.42-57, 2011.

aparece para Lévinas como experiência de não-liberdade e da negação, o que nos torna passivos e impotentes, especialmente se o sofrimento não tiver razão de ser, em sua inutilidade. Neste contexto, Cesar assinala a emersão da compaixão e o cuidado em relação ao sofrimento do outro, buscando tanto a explicação para o sofrimento quanto a sua cura.

Em Heidegger, portanto, a própria base da vida autêntica está associada ao reconhecimento e enfrentamento da morte. Isso implica que a morte é constituinte da própria vida e não a sua negação<sup>46</sup>. Morte, ao invés de fim inevitável, se torna fundamento, condição do ser-no-mundo. A perda e a morte, como constituintes das formas-de-vida, não podem ser dele eliminados.

Isso lança outra luz para pensarmos o topocídio e a experiência política da paisagem vivida pelos moradores de Bento Rodrigues. Talvez eles tenham tido uma possibilidade única de sentir a morte, mesmo em vida.<sup>47</sup> O lugar como abertura, ou seja, a própria circunstância da existência, ao ser fisicamente aniquilado elimina o fundamento daqueles seres-no-mundo, deixando-os como que soltos: seres abruptamente sem situação, ou seja, sem lugar.

Talvez esta seja a raiz de tanta comoção e da compaixão que sentimos com aqueles que perdem suas casas, atingidas por diferentes eventos, sobretudo quando há uma situação extrema de topocídio. A compaixão pelo sofrimento do outro, o forte sentido de alteridade diante da experiência do sofrimento de tais moradores, nos permitindo sentir a necessidade de justiça, como um clamor ético. Não se trata apenas de atingir a pessoa onde ela é mais vulnerável: trata-se de atingir o fundamento da sua própria existência.

A aniquilação do lugar ou da casa, no entanto, vai além da consciência da mortalidade ou da antecipação e medo do vazio: ela materializa o sentido da morte, vivificando tal experiência. Mas esta experiência não é o fim da vida: ela é dela constituinte e, no caso dos moradores de Bento Rodrigues, se fez como política, tanto

---

<sup>46</sup> Hoy, Op. cit.

<sup>47</sup> Parte destas formulações foram apresentadas inicialmente em MARANDOLA JR., Eduardo. *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*. 2016. Tese (Livre Docência em Ambiente e Sociedade) – Faculdade de Ciências Aplicadas – Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

na mobilização pela reconstrução quanto na maneira como, nesta abertura, se apegaram à paisagem (enquanto alteridade) para buscar uma reconstituição de suas formas-de-vida na emersão do Novo Bento a partir e vinculado ao Velho Bento.

Assim, a experiência de morte deu sustentação à vida, não como permanência inerte ou cristalização de identidade: mas na potência nova da possibilidade de continuar-sendo.

No novo sítio os moradores vão restituir suas rotinas, assim como criarão outras, buscando a acomodação com as novas circunstancialidades, mas tendo condições de manter aquelas que julgam essenciais, mesmo com a mudança de área. Mas a emergência do Novo vinculado ao Antigo está marcado em uma das exigências dos moradores para a escolha do novo sítio: a nova localização tem que ser próximo ao Antigo Bento.

Já são, portanto, dois lugares, embora entrelaçados pela experiência, pela memória e sobretudo pela paisagem, como rosto.

### **Morte e vida como experiência política**

O que fica potente para pensarmos, retomando as questões iniciais que motivaram esta reflexão, é a força política do ser-lugar e do somos-paisagem na construção do Novo Bento. O lugar, mesmo passando por uma morte traumática, pode subsistir a partir da abertura dada pela experiência política da paisagem: as possibilidades das formas-de-vida como potência na transformação do impróprio em próprio.

Os moradores de Bento Rodrigues foram expostos drasticamente à vida nua. Foi pelo rosto e pela medialidade política que puderam sobreviver, e é por elas que poderão se reconstituir como lugar e paisagem.

O que está em jogo, nestes casos, é a força do lugar e da paisagem como experiência política: sua efetividade, como formas-de-vida e como circunstancialidade se torna aguda diante da ameaça da morte. No entanto, a morte, como parte da vida, é constituinte de toda a ameaça, o que lhe confere, no fundo, o sentido dramático e urgente de enfrentamento.

Riscos, perigos, vulnerabilidade e resiliência, termos tão caros ao pensamento social e ambiental contemporâneo são, assim, ressignificados no âmbito de um pensamento voltado para a finitude e suas implicações existenciais.

O mais importante, neste caso, não é conseguir definir se o lugar e a paisagem morrem ou não – assim como não convém buscar uma resposta definitiva ao caso de Bento Rodrigues. O fundamental, em termos de pensamento, é compreender as tensões e as possibilidades, como abertura, que tais eventos promovem e suas implicações para uma perspectiva geográfico-existencial, ou seja, uma perspectiva na qual lugares, pessoas e paisagens são compreendidas em sua indissociabilidade ôntico-ontológica e como experiência política.

### Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim: notas sobre a política*. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia e topocídio em MG. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.146.

BERQUE, Augustin. *Poétique de la terre: histoire naturele et histoire humaine, essai de mésologie*. Paris: Belin, 2014.

CASEY, Edward S. *Getting back into place: toward a renewed understanding of the place-world studies in continental thought*. Indiana: Indiana University Press, 1993.

CASEY, Edward S. *The Fate of Place: a Philosophical History*. Berkeley: University of California Press, 1998.

CASEY, Edward. Be Between Geography and Philosophy: What Does It Mean to Be in the Place-World? *Annals of the Association of American Geographers*, v.91, n.4, p.683-693, 2001.

CESAR, Constança M. Vulnerabilidade e finitude. *Hermes*, n.16, p.42-57, 2011.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. Ida Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUBOS, René. *Um deus interior: uma filosofia prática para a mais completa realização das potencialidades humanas*. Trad. Pinheiro de Lemos. São Paulo: Melhoramentos, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de floresta*. Trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Silva, Vítor Moura, João Constâncio. 2ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Chuback. Petrópolis: Vozes, 2001. p.125-142.

HEIDEGGER, Martin. *O acontecimento apropriativo*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.

HOY, David C. Morte. In: DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Orgs.) *Fenomenologia e existencialismo*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KATES, Robert W. *Risk assessment of environmental hazard*. New York: John Wiley & Sons, 1978.

LÉVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simon e Ligia Maria de Castro Simon. Campinas: Papirus, 1998.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et infini: essai sur l'extériorité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.

MALPAS, Jeff. *Heidegger's topology: being, place, world*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

MALPAS, Jeff. *Place and Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MARANDOLA JR., Eduardo. *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*. 2016. Tese (Livre Docência em Ambiente e Sociedade) – Faculdade de Ciências Aplicadas – Universidade Estadual de Campinas, Limeira.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Trad. José A. Gianotti e Armando M. d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PORTEUS, J. Douglas. Topocide: the annihilation of place. In: EYLES, J.; SMITH, D. (Eds.) *Quantitative methods in Geography*. London: Polity Press, 1988.

RAZENTE, Nestor. *Povoações abandonadas no Brasil*. Londrina: Eduel, 2016.

RELPH, Edward. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, David and MUGERAUER, Robert (Eds.) *Dwelling, place & environment: towards a phenomenology of person and world*. New York: Columbia University Press, 1985. p.15-31.

---

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) *Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

RICOEUR, Paul. *Vivo até a morte: seguido de fragmentos*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SARAMAGO, Ligia. Como ponta de lança. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.193-226.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Trad. Eduardo Brandão. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

---

Doutor em Geografia (UNICAMP)  
Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (UNICAMP)  
E-mail: [eduardo.marandola@fca.unicamp.br](mailto:eduardo.marandola@fca.unicamp.br)